



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11803 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

POR UMA ESCOLA CAMINHANTE: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

Débora Assumpção dos Santos Rodrigues - UFF - Universidade Federal Fluminense

Mínnia Gondim Marques Rodrigues - UFF - Universidade Federal Fluminense

POR UMA ESCOLA CAMINHANTE: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

O presente trabalho tem como tema a ação educativa na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental e surge como resultado de uma questão comum a duas unidades públicas de educação, do município de Niterói - RJ. As experiências aqui narradas contam de uma pesquisa que coloca em diálogo uma Unidade Municipal de Educação Infantil onde são atendidas crianças de três a seis anos e uma Escola Municipal de ensino fundamental com crianças entre seis e dez anos. Queremos compartilhar a experiência de ampliação do espaço educativo a partir de atividades realizadas no entorno das escolas em questão, ambas localizadas próximas à área de proteção ambiental do Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET), na Região Oceânica de Niterói.

Buscamos compreender o processo de formação humana em sua complexidade, a partir do que nos provoca Certeau (1998) sobre a invenção do cotidiano, onde destaca, dentre importantes conceitos, a caminhada pela cidade como experiência social que se dá na errância, e as relações de sentidos que se entrelaçam na exterioridade: "caminhar é sair" (ibid., p. 184).

O texto objetiva nos fazer pensar sobre uma escola que não se restrinja ao seu prédio, mas que seja capaz de ampliar seu trabalho ao redefinir os limites físicos de sua ação e a refletir sobre a educação das crianças como um processo contínuo, apesar de documentos regulatórios e diretrizes que impõem uma diferenciação no trabalho realizado com cada faixa etária específica. A pesquisa se desenha a partir de uma metodologia que não se constitui a priori, mas que se constrói a partir da entrada no campo, da escolha do tema e da relação que se estabelece com seus

participantes.

Diante das transformações que vêm acontecendo na sociedade, nos vemos frente à necessidade urgente de assumir outro papel para a escola, nos afastando de um modelo nascido para o controle, e incorporando em seu cotidiano práticas que pressupõem a liberdade, estimulam a criatividade, a investigação, e resultam em experiências significativas para todos os praticantes.

Crianças e suas professoras, praticantes do cotidiano escolar, vivem experiências que ultrapassam os documentos e grades curriculares, colocando-se ante o desafio de romper com as formas acostumadas de fazer o aprender e o ensinar na escola.

Os paradoxos do cotidiano, diferentemente de uma visão clássica sobre seus significados, se apresentam como "verdadeiras comportas evolutivas nesses contextos. Abrem a mente para novas dimensões." (NAJMANOVICH, 2001, p.26). Desse modo, nos desafiam à criação de modos de transgredir às rotinas impostas, muitas vezes engessadas sob o pretexto de limitações e precariedade das condições físicas do prédio da escola.

Tais modos de transgredir dizem respeito à ousadia de lançar-se a outras práticas e a processos outros de construção de conhecimento, que se ampliam quando transbordam os muros da escola, na exterioridade, impactando o cotidiano escolar de forma a romper com os limites entre o dentro e o fora.

Dessa maneira, os sujeitos da pesquisa criam e inventam as artes de fazer, preconizadas por Certeau (1998), na busca pela invenção de um cotidiano alegre, que possibilite às crianças viverem suas infâncias em liberdade, em contato com a natureza, descobrindo sobre suas histórias de vida, ancestralidades, lutas comunitárias e sobre os espaços que habitam com suas famílias.

À medida que as caminhadas com as crianças acontecem, são tecidos os espaços e os encontros no caminho conferem sentidos à ação do caminhar. "Espaço é o lugar praticado" (Ibid.), é inventado a partir do movimento, das práticas que ali acontecem. O entorno das unidades educacionais possui uma riqueza histórica, cultural e ambiental que muito tem a ensinar à comunidade escolar. Dentre os espaços frequentados pela comunidade escolar, destacam-se o Caminho de Darwin, a Praia de Itaipu, o Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI), Horto Botânico, Quilombo do Grotão, Mangue de Itaipu, Córrego dos Colibris, e são marcados por alguns movimentos comunitários importantes na luta pelos direitos ao território habitado pelas comunidades tradicionais e, especialmente, pelas áreas de preservação ambiental que sofrem constantes ameaças de diversas ordens.

De acordo com Krenak (2019, p. 26), "nosso tempo é especialista em criar

ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida”. Em uma lógica ocidental e cartesiana, o *espaçotempo* da escola não abre possibilidades para esse pulsar de vida. O tempo Cronos, que a tudo controla nessa lógica, não possibilita a fruição, a convivência, a experimentação, a contemplação. Deste modo, as práticas educacionais que acontecem nesses espaços que constituem o Parque Estadual da Serra da Tiririca, desconstroem tais ideias pré-concebidas e produzem saberes na escuta das histórias da comunidade do entorno e na relação afetuosa com a natureza e com a biodiversidade.

A pesquisa, que se desenha no campo dos estudos com o cotidiano, busca ressignificar os binômios sujeito e objeto e teoria e prática. Quanto ao primeiro, compreende que a prática investigativa se dá com o outro e não sobre o outro. Assim, podemos dizer que pesquisamos na escola e com a escola e seus praticantes. Sobre o segundo, é preciso dizer que teoria e prática não se apresentam como opostos, mas complementares e inseparáveis. A pesquisa se constitui como um modo de fazer em uma experiência coletiva de construção de conhecimento.

A metodologia que se constrói a partir de uma conversa inicial com as professoras das duas unidades, como um caminhar, tem como primeira ação de intercâmbio entre grupos da educação infantil com grupos do ensino fundamental, a construção de propostas de atividades que acontecerão fora da escola, em locais próximos já frequentados pelas crianças de cada unidade separadamente, de forma a facilitar a locomoção das crianças e garantir a participação mesmo das menores. Buscamos que as crianças e também suas professoras possam viver a experiência significativa do encontro e da construção coletiva de saberes, unindo as crianças das duas Unidades. Desta experiência resultarão narrativas registradas a partir de diferentes linguagens com o objetivo de proporcionar sua socialização assim como o compartilhar do conhecimento construído.

Palavras-chave: Estudos do cotidiano; Educação infantil; Ensino fundamental; Educação extramuros

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. 3ª Edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

NAJMANOVICH, Denise. O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do

